

A MEDIDA COMO PROVA DE UM MUNDO PLENO: O LUGAR DA PSICOFÍSICA NA OBRA DE GUSTAV FECHNER

Arthur Arruda Leal Ferreira
Instituto de Psicologia – UFRJ
Bolsista de produtividade CNPq
arleal1965@gmail.com

INTRODUÇÃO – UMA UNIDADE ORGÂNICA

Gustav Fechner é celebrado na maior parte dos manuais de História da Psicologia como o autor que haveria realizado a difícil e a muito esperada ultrapassagem de um estágio pré-científico dos saberes psicológicos. Isto teria se dado graças a seu trabalho psicofísico, em que não apenas foi constituída uma medida psicológica para as sensações, mas estas foram enquadradas em uma lei geral de alta complexidade, correlacionando-as aos estímulos físicos, a chamada Lei de Fechner, ou como este prefere, a Lei de Weber-Fechner. Graças a esta contribuição, exposta em seu “Elementos de Psicofísica” (1860), Fechner foi tomado como uma espécie de “super-homem da ciência cuja vida foi devotada às ‘ciências duras’” (Bringmann, Bringmann, Medway, 1987). Contudo, no conjunto de seus escritos, observamos que os “Elementos de Psicofísica” representam uma pequena ilha no meio de problemas metafísicos, religiosos e estéticos. Sem forçar no autor uma unidade insuspeita, obrigando-se a extrair dele um sistema congregado por uma assinatura, deve-se no entanto perguntar sobre a relação dos “Elementos de Psicofísica” com obras como “Pequeno livro sobre a vida após a morte” de 1836, “Nanna, ou a vida anímica das plantas” de 1848, “Zend-Avesta” de 1851, “A respeito das almas” de 1861, “Os três motivos e bases da fé” de 1863, e “A Visão diurna em oposição à Visão Noturna” de 1873, além de obras satíricas sob o pseudônimo do Dr. Mises, como “A Anatomia Comparada dos Anjos” de 1825. Haveria no conjunto dos trabalhos de Fechner uma separação semelhante à assumida pelo filósofo Gaston Bachelard entre uma obra diurna (de cunho epistêmico) e outra noturna (de cunho estético)? É neste sentido que haveria uma “visão diurna oposta a visão noturna”? Fechner dará um outro sentido a esta divisão, invertendo os termos da separação bachelardiana, pois a Visão Diurna encarnará um ponto de vista espiritualista em oposição ao materialismo estéril da Visão Noturna. Fechner, mais do que separar estes pontos de vista, tentará constituir uma única Cosmovisão.

No entanto, esta operação de separação na obra de Fechner será assumida por vários autores na História da Psicologia, como destacado por Bringmann, Bringmann, Medway (1987, pp. 243-244), chamando a atenção especialmente para o trabalho clássico de Edwin Boring, “História da Psicologia Experimental” (1950). Mais até do que separar, tais interesses não-científicos são

recusados ou omitidos em nome do status corrente da psicologia como ciência do comportamento. No caso de Fechner, seu interesse em pesquisas psíquicas, parapsicologia ou fenômenos supernaturais é abertamente omitido. Numa consulta aos principais manuais de História da Psicologia, como Boring (1950), Klemm (1933), Ribot (1909), Murphy (1960) e Brett (1963), apenas os dois últimos não situam os interesses não científicos de Fechner ao lado das curiosidades biográficas. Em alguns casos pode haver até uma curiosa inversão das avaliações, como a operada por W. James, notadamente desfavorável ao trabalho da psicofísica (“na humilde opinião do autor, as implicações propriamente psicológicas são nulas” – James, 1890/1945), ao passo que elogioso das contribuições religiosas de Fechner (inerentes a uma “Filosofia Espessa” – James, 1909/2000).

Para Bruno Latour, esta operação de cisão, derrogação e omissão na história de uma ciência, consagra um princípio de assimetria entre setores vencedores e vencidos. Este princípio torna-se bastante complicado na avaliação do conjunto dos escritos de um pensador, em que se busca apagar as suas concepções obscuras e não-triunfantes. Sem forçar uma unidade doutrinária é necessário tomar a obra de Fechner em seu conjunto afim de preservar as suas tensões e suas problematizações, sem impor quebras ou cortes (Jaeger, 1987). Da mesma maneira que não se pode separar o Newton físico do Newton alquímico, uma vez que a sua Teoria da Gravitação Universal estaria encarnada na de atração da alquimia (conforme Leary, 1990, pp. 9-10), não se pode separar o trabalho de Fechner de sua Visão Diurna. Como estes espaços da obra do psicofísico saxão se articulam?

PSICOFÍSICA E PANPSIQUISMO

Para Siegfried Jaeger (1987, p. 51), o pensamento de Fechner é a tentativa de compatibilizar dois modos de pensar: um pensamento calculatório e outro de matiz filosófica, juntando necessidades éticas, estéticas e metafísicas. Nele não se almejava apenas reunir matéria e espírito, mas de igual modo ciência e fé, e determinismo e indeterminismo. Segundo o mesmo autor, a Psicofísica nada mais seria do que a função empírica da Cosmologia de Fechner, de sua Visão Diurna. Para tal, recorre a uma citação do próprio Fechner em “A Visão diurna em oposição à Visão Noturna”:

Estranhou-se que a primeira descrição da Visão Diurna em ‘Zend-Avesta’ e os ‘Elementos da Psicofísica’ tivesse a mesma pessoa como autor. Seriam duas coisas distintas, e no próprio autor haveria uma fenda. Mas não se vê que, se os princípios de desenvolvimento das duas coisas ficam conectados, elas combinam uma com a outra?.. A Visão Diurna se dá realmente como filosofia natural. Isto é, por seu lado teórico ela é no principio apenas o aperfeiçoamento e a conclusão pelo lado de cima daquilo que, pelo lado de baixo, é elevado como Psicofísica, ou ainda, ela é o florescimento de fé e a frutificação acima da raiz na qual a Psicofísica procura de imediato seu conhecimento (Fechner citado por Jaeger, 1987, p. 49, 51).

Esta relação entre a Psicofísica e a Visão Diurna não é, contudo, claramente destacada nos “Elementos da Psicofísica”, pois: 1) se por um lado a sua meta é o estabelecimento de uma ciência que determine as relações funcionais entre as aparências físicas e psicológicas, sem antepor nenhuma posição prévia quanto a relação mente & corpo, 2) por outro lado, na mesma seção introdutório do texto, Fechner levanta a possibilidade de uma relação entre o físico e o espiritual em que eles se dariam como um duplo aspecto de uma mesma entidade (a hipótese “panpsiquista”), e 3) inclusive recusa as abordagens interacionista, paralelista e ocasionalista, uma vez que manteriam o dualismo substancial. Passemos às citações da Introdução dos “Elementos da Psicofísica” (1860), que endossam esta apresentação:

1) No que se segue nos iremos embasar a nossa pesquisa somente nas relações empíricas entre corpo e mente, e, em acréscimo, adotar para uso as expressões mais comuns para a descrição destes fatos, apesar destas serem expressas mais em termos dualistas do que monistas como a minha. Traduzir de uma perspectiva a outra é fácil (Fechner, 1860/1966, p.5).

Ou ainda: ... Esta investigação não se propõe a tomar posição na controvérsia sobre a relação básica entre corpo e mente, um tema que divide materialistas e idealistas (ibid., p. xxx).

2) Por exemplo, quando dentro de um círculo, seu lado convexo está escondido, coberto pelo lado côncavo; inversamente quando está fora o lado côncavo é coberto pelo convexo. Ambos os lados estão tão indivisivelmente ligados quanto o lado material e mental do homem, e podem ser vistos como análogos aos seus lados interno e externo. É tão impossível, estando colocado no plano do círculo, ver simultaneamente os dois lados do círculo quanto ver ambos os lados do homem, a partir do plano da existência humana. Apenas quando mudamos o nosso ponto de vista se muda o lado do círculo que vemos, de forma que vemos o lado escondido atrás do que vimos antes (ibid., p. 2).

3) Um ítem a mais: corpo e mente em paralelo um para com o outro; as mudanças em um correspondem às mudanças no outro. Por que? Leibniz diria: pode-se sustentar diferentes opiniões. Dois relógios estabelecidos numa mesma superfície ajustam os seus movimentos um ao outro devido a sua ligação comum...; esta é a noção comum dualista da relação entre mente e corpo. Poderia também ser que alguém mova os ponteiros de ambos os relógios de tal maneira que eles se mantenham em harmonia; esta é a visão do ocasionalismo, de acordo com a qual Deus cria mudanças na mente apropriadas às mudanças no corpo e vice-versa numa harmonia constante. Os relógios podem sido tão bem ajustados desde o início que eles mantenham o tempo perfeito sem necessitar de nenhum ajustamento; esta é a noção de harmonia pré- estabelecida. Leibniz deixou de fora um ponto de vista – o mais simples possível. Eles podem manter o mesmo tempo harmoniosamente – sem dúvida nunca se diferem – porque eles não são dois relógios diferentes (ibid., p.4).

Apesar das ambigüidades presentes nos “Elementos da Psicofísica”, Fechner mantém bastante próximos o trabalho empírico da psicofísica e a hipótese da identidade ou o panpsiquismo; se foi possível um distanciamento, este deve ter sido apenas estratégico, visando a aceitação do seu trabalho indutivo pelos meios científicos. Mas, esta ambigüidade de Fechner forneceu a brecha suficiente para a torção e desmembramento de sua herança, pois como lembra Boring (1966, p.ix), apesar de ele metafisicamente ser um “panpsiquista”, epistemologicamente seria um dualista. Isto, na medida em que “ a psicofísica de Fechner desempenhou um importante papel na história do paralelismo psicofísico pela simples razão que mente e corpo e mente, sensação e estímulos tem que ser vistos como entidades separadas para que cada uma possa ser medida e que se possa estabelecer a relação entre ambas” (Boring, 1950, p. 308). E é esse privilégio metodológico e epistemológico que leva que Fechner seja “visto como um “Colombo, quem descobriu um Novo Mundo enquanto procurava pela antiga Índia... sua tentativa de refutar o materialismo, falhou, mas a sua psicofísica deixou a fundação de uma nova ciência da psicologia experimental” (Adler, 1966, p. xix). Se a Psicofísica foi capturada longe, e até mesmo no avesso de suas intenções originais, franqueada pelas ambigüidades de Fechner nos seus “Elementos”, urge demolir este monumento erguido por uma versão triunfalista da História da Psicologia para que possam ser restituídos os seus passos na via do pensamento fechneriano.

PANPSIQUISMO E VISÃO DIURNA

Como este “pensamento Espesso” (nas palavras de James) pode ser configurado? Algumas pistas podem se buscadas em James (1906/2000), Külpe (1946) e Lowrie (1946). A Visão Diurna de Fechner é composta de:

1) A hipótese “panpsiquista”, ou o monismo abstrato (entre o subjetivo e o objetivo) segundo Külpe (1946, p. 232), encarnando a idéia de uma substância única com dois aspectos, o físico e o espiritual. Esta suposição é apresentada especialmente em “Zend-Avesta de 1851”;

2) A hipótese “panpsiquista” é completada pela Visão Diurna, em que não apenas o homem, mas “todo o universo, em suas porções de espaço e comprimentos de onda mensuráveis, em todos os seus movimentos para rejeitar ou absorver dentro dele o que quer que seja, é em toda a parte vivo e consciente” (James, 1906/2000, p. 112). Aqui a matéria seria apenas a face fenomênica do espírito que permitiria a sua expressão aos demais. Em oposição a esta Visão Diurna reina o materialismo da Visão Noturna, onde “consideramos tudo o que está fora de nossa vida apenas como escórias e cinzas; ou, se acreditamos em um *espírito divino*, imaginamo-lo de um lado como incorpóreo, e colocamos de outro lado a natureza sem alma” (op. cit, p. 113). Esta concepção está presente em “Visão diurna em oposição à Visão noturna” de 1873.

3) Na medida em que todos os seres seriam dotados de vida e alma, haveria toda uma *hierarquia das almas*, desde a alma das plantas, marcada pela plena consciência de suas funções inferiores, como a absorção e a respiração, à dos planetas, que seriam como anjos da guarda: “Se os céus são de fato a morada dos anjos, é preciso que os corpos celestes sejam precisamente esses anjos, pois *nos céus* não existem absolutamente outras criaturas” (James, 1906/2000, pp. 128-129). Tais anjos, como a Terra, seriam superiores às demais almas, pois são mais independentes e complexos do que os seres que nela habitam, além de serem capazes de absorver e conter as inferiores:

Nosso espírito não é simplesmente a soma de nossas sensações visuais, mais nossas sensações auditivas, mais nossa dores: não, ao adicionar esses termos, ele descobre entre relações graças às quais compõe uma trama feita de esquemas, formas e objetos que, isoladamente, nenhum sentido conhece. Do mesmo modo, a alma da terra estabelece entre o conteúdo do meu espírito e o conteúdo do vosso relações das quais nenhum dos nossos espíritos tem consciência separadamente (ibid., pp. 133-134).

Tais suposições podem ser encontradas em “Nanna, ou a vida anímica das plantas” de 1848 e “A respeito das almas” de 1861.

4) Esta hierarquia das almas se conclui em um “panteísmo”, em que Deus é visto como alma do Mundo, onde desaguam todas as demais almas: “Então que se acrescente a esse sistema, tomado em seu conjunto, todas as outras coisas capazes de existir; e teremos o corpo em que reside essa consciência do mundo, consciência tornada assim universal e que os homens chamam Deus” (James, 1906/2000, p. 116). Para Külpe (pp. 293-294), melhor seria configurar esta hipótese como *panenteísta*, pois ao tomar Deus como consciência maior, esta não se identificaria estritamente com o Mundo, sendo algo maior. Esta concepção está presente em “Visão diurna em oposição à Visão noturna” de 1873.

5) Esta hierarquia panenteísta das almas, conduz por outro lado à tese da *imortalidade de todas as almas*, uma vez que estas se fundiriam após a morte com as almas maiores na hierarquia; é desta forma que Fechner supõe a integração das nossas almas na alma da terra, processo análogo à dissolução de uma sensação em nossa consciência, sem que aquela perca a sua individualidade:

Quando um de nós morre, é como se um olho do universo se fechasse, porque então se encerram todas as percepções que essa região particular do universo fornecia. Mas as lembranças e as relações conceituais, cuja trama se teceu em torno das percepções dessa pessoa permanecem tão distintas como sempre na vida mais vasta da terra, nela formam novas relações, nela crescem e se desenvolvem em cada um dos momentos que se sucedem a seguir, da mesma maneira que os diversos objetos distintos de nosso pensamento, uma vez na memória, formam novas relações e se desenvolvem ao longo da vida finita (James, 1906/2000, p. 543).

Esta hipótese está presente em “Pequeno livro da vida após a morte” de 1836.

6) Esta Visão da Imortalidade da alma explica inclusive o interesse de Fechner por fenômenos psíquicos, chegando inclusive a acompanhar sessões espíritas (conforme dados presentes no seu

diário e relatadas por Bringmann, Bringmann, Medway, 1987). Estas sessões, conduzidas pelo medium norte-americano Slade conduzem Fechner do “ambivalente ceticismo para um cauteloso endosso” (op., cit., p. 252), levando-o a encontrar em “Visão diurna em oposição à Visão noturna” um espaço para o Espiritismo algo semelhante ao ocupado pela patologia e pela Psicologia do anormal: “Fisiologia pode aprender algo da patologia, psicologia pode se aproveitar da Psicologia do anormal... De modo similar, nós podemos aprender sobre a vida na Terra e no Além através do Espiritismo” (Fechner citado por Bringmann, Bringmann, Medway, 1987, p. 253). Se a hipótese de uma natureza viva e sensível pode ter a sua base empírica na Psicofísica, a tese da imortalidade da alma poderia ter a sua prova no Espiritismo.

7) Esta Cosmovisão Diurna, Espessa, Monista e “panpsiquista” terá como base os métodos de indução e da analogia, apesar das críticas de Wundt quanto às limitações da primeira e aos abusos da segunda, conduzindo à inversão das funções e ao desvio dos procedimentos científicos normais (conferir Lowrie, 1946, pp. 76-78). Para James (1906/2000, p. 536), tais analogias são preciosas pois contrabalançariam as semelhanças e diferenças entre os termos comparados. Equivocados, ou não, tais procedimentos dão ensejo a uma religião empírica (conforme James, 1906/2000) e a uma metafísica indutiva (conforme Külpe, 1946), dissolvendo a fronteira entre conhecimento e fé. É neste ponto que a Psicofísica pode ser vista como a raiz indutiva da qual a “Visão Diurna” seria a flor e o fruto.

CONCLUSÃO

A par de toda a historiografia clássica da psicologia, não se pode ignorar o papel central em Fechner da proposição de um pensamento monista, em que toda a natureza é perpassada pela irmanação entre o físico e o espiritual, sem qualquer ponto de ruptura. E é nesta forma singular e rara de se solucionar o problema da relação entre mente e corpo que a psicofísica se insere, e não como uma contribuição à parte de um gênio científico, cujo único afã fosse dar respeitabilidade epistemológica à Psicologia. É justamente desta Visão Noturna e de seu sono dogmático que Fechner desejava nos acordar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, H. E. (1966) Translator Foreward. In: FECHNER, G. Elements of psychophysics. Nova York: Holt, Rinehart, Winston, Inc.

BORING, E. G. (1950) History of the Experimental Psychology. Nova York: Appleton Century-Crofts

_____. (1966) Editor's Introduction. In: FECHNER, G. Elements of psychophysics. Nova York: Holt, Rinehart, Winston, Inc.

BRETT, G. S. (1963) Historia de la psicología. Buenos Aires: Paidós.

BRIGMANN, G., BRIGMANN, N. J., MEDWY, N. L. (1987) Fechner and the psychical research. In: BROZEK, J., GUNDLACH, H. (ORG.) *Passauer Schriften zur Psychologiegeschichte* (nº 6 - G. T. Fechner and Psychology): 243-256. Passau: Passavia Universitätsverlag.

FECHNER, G. (1860/1966) Elements of psychophysics. Nova York: Holt, Rinehart, Winston, Inc.

JAEGER, S. (1987) Fechner Psychophysik im Kontext seiner Weltanschauung. In: BROZEK, J., GUNDLACH, H. (ORG.) *Passauer Schriften zur Psychologiegeschichte* (nº 6 - G. T. Fechner and Psychology): 49-60. Passau: Passavia Universitätsverlag.

JAMES, W. (1890/1945) Principios de Psicología. Buenos Aires: Blume.

_____. (1906/2000) Sobre Fechner (Um Universo Pluralístico). A anatomia comparada dos anjos. São Paulo: Editora 34.

KLEMM, O. (1933) Historia de la Psicología. México D. F: Ediciones Pavlov.

KÜLPE, O. (1946) Introducción a la Filosofía. Buenos Aires: Ediciones Poblet.

LEARY, D. (1990) Metaphors in the History of Psychology. Cambridge: Cambridge University Press.

LOWRIE, W. (1946) Religion of a Scientist. New York: Pantheon Books.

MURPHY, G. (1960) Introducción histórica de la Psicología contemporánea. Buenos Aires: Paidós.

RIBOT, TH. (1909) La Psychologie Allemande Contemporaine. Paris: Félix Alcan.